

O BEBÊ E O BRINQUEDO: UM ESTUDO SOBRE AS INTERAÇÕES DO BEBÊ COM O BRINQUEDO

CHILDREN AND TOYS: A STUDY OF THE INTERACTION BETWEEN CHILDREN AND TOYS

Fenelon Laba da Costa¹
Joseth Antonia Oliveira Jardim²

RESUMO

A pesquisa analisa a influência da apresentação de um brinquedo novo no desencadeamento de ações expressas por bebês. Trata-se de um estudo exploratório, com dois bebês do sexo feminino, um no primeiro e o outro no segundo ano de vida. Os resultados demonstram graduação nas ações das crianças, principalmente quando comparadas quanto à faixa etária de cada uma delas. Por outro lado, evidencia-se, também, a influência, tanto do adulto quanto de outras crianças, na determinação do modo de interagir com os brinquedos.

Palavras-chave: bebês; brinquedos novos; comportamentos.

ABSTRACT

This study analyses how a new toy can influence the sequence of actions expressed by babies. It is an exploratory study, with two female babies, aged one and two years. The results demonstrate a graduated scale of actions, principally when compared from the point of view of the babies' respective ages. On the other hand, the influence of adults and other children can be observed when determining the manner in which interaction with the toys occurs.

Key words: babies; new toys; behaviours.

O DESENVOLVIMENTO DO JOGO NOS

PRIMEIROS ANOS DE VIDA

Escrever sobre jogo não é tarefa fácil, principalmente porque o próprio tema sugere uma série de atividades diferentes. A literatura sobre o jogo, como os estudos de Hutt (1966), Florey (1971), e McCall (1974), expressa a dificuldade encontrada ao se definir o comportamento de brincar. No Brasil, estudos de Bomtempo (1986) e Kishimoto (1994) também referem-se a este aspecto. Para Bomtempo (1986), tal dificuldade pode estar diretamente relacionada à diversidade de respostas envolvidas no processo, tais como, manipulação, locomoção, orientação e exploração. De acordo com Kishimoto (1994), dentre os fatores responsáveis pela complexidade da tarefa de definir jogo, encontram-se tanto a variedade de fenômenos considerados como jogo quanto o emprego de vários termos como sinônimos. Jogo, brinquedo e brincadeira têm sido utilizados com o mesmo significado.

Neste trabalho, com o propósito de evitar uma suposta "indiferenciação", o termo *brinquedo* será entendido como objeto, suporte de brincadeira. E *jogo*, como a manifestação de condutas interativas com o objeto. Ao serem consideradas jogo, as interações que a criança

¹ Psiquiatra, mestre em Psicologia da Infância e da Adolescência pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: fenelon_laba@uol.com.br.

² Psicóloga, mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: joseth@jotaerre.com.

mantém com o objeto, serão destacados alguns pressupostos teóricos, que fundamentam o modo como se desenvolve esse processo interativo entre a criança e o brinquedo.

Segundo Elkonin (1998), "...da evolução do jogo só se pode falar depois de se terem formado as coordenações sensório-motoras fundamentais que oferecem a possibilidade de manipular e atuar com os objetos. Sem saber sustentar um objeto na mão, é impossível qualquer ação com ele, incluindo a lúdica". (Elkonin, 1998, p. 207)

No primeiro ano de vida da criança, vai surgir a formação dos sistemas sensoriais que, em seu curso, precisam alcançar um certo nível de desenvolvimento antes de se inserir num ato sensório-motor único. Deste modo, alguns fatores como, a concentração no objeto, a atenção dirigida para o objeto em movimento e em diferentes direções e em diferentes distâncias, a convergência dos olhos e a contemplação, desenvolvem-se antes de surgirem os primeiros movimentos na direção do objeto e constituem a premissa para que estes movimentos apareçam.

Segundo Piaget e Inhelder (1985), durante os primeiros dezoito meses de vida, o desenvolvimento das habilidades sensório-motoras irá caracterizar a evolução da atividade lúdica. Piaget (1975) classificou os jogos, quanto à sua estrutura em: Jogos de Exercício (sensório-motor), Simbólicos, e de Regras.

Para Piaget (1975), os jogos de exercício não chegam a constituir sistemas lúdicos independentes e construtivos. Sua motivação característica reside no simples prazer funcional, ou pelo prazer produzido pela tomada de consciência de suas novas habilidades.

Chateau (1987) coloca que os jogos observáveis em bebês tratam de meros exercícios das funções, e refere-se a Bühler (1962), que os classificou de jogos funcionais.

A atividade dos jogos funcionais permite a cada função explorar sua área e se expandir para dar surgimento a novos resultados. Pode-se também observar que a aparição, na criança, de toda função nova (falar, andar etc.), dá sempre lugar a múltiplos jogos funcionais como se ela quisesse tirar a prova de todas as possibilidades da função. Daí os movimentos espontâneos; depois atividades exploratórias que, durante o primeiro ano de vida, ganham cada vez mais importância (Chateau, 1987, p. 16).

Nestes pequenos jogos funcionais, como sugeriu Bühler (1962), a criança está exercitando, através dos murmúrios, a linguagem que se aproxima; ao movimentar seus braços e mãos, está preparando estas para a manipulação, e assim por diante. Deste modo, todos os gestos emitidos pelo bebê são gestos de significativa importância para o desenvolvimento de funções a princípio mais simples, que se encadearão para o surgimento de funções mais complexas. Cabe ressaltar que, para que "funções mais complexas" se estabeleçam, é de fundamental importância considerar a atuação do adulto junto a esta criança em desenvolvimento. A posição de Elkonin (1998) permite uma compreensão deste aspecto, quando enfatiza que o desenvolvimento dos aparelhos sensoriais está intimamente ligado à interação da criança com os adultos que dela cuidam, transcorrendo em decorrência de um processo de aprendizagem. E isto acontece no modo como o adulto lida com a criança e age com ela, aproximando-se e afastando-se de seu rosto, ou estendendo-lhe um objeto de cores, tamanhos e formas diferentes, possibilitando, assim, que a criança fixe a vista no rosto do adulto ou do brinquedo, atividade que produz a convergência dos olhos e a contemplação.

Desde que o bebê "todo olhos, todo ouvidos", como descreve Henri Wallon, começa a examinar o rosto de sua mãe para se aperceber da articulação dos pequenos fonemas, desde que repete os gestos que lhe mostramos, as palavras que pronunciamos, começam os jogos de iniciação (Sarazanas, 1973, p. 75).

Em termos do desenvolvimento das habilidades sensório-motoras, ocorre uma antecipação dos sistemas sensoriais em relação aos movimentos das mãos. Neste caso, os movimentos sensoriais, quando se tornam relativamente dirigíveis, denotam grande importância para o desenvolvimento subsequente do ato de apreensão (apalpação com as mãos).

Para Figurin e Denísova (1929, citados por Elkonin 1998), "...o ato de agarrar é um movimento que responde à excitação visual difusa dos olhos da criança a partir de uma certa

distância e com determinado ângulo, e que consiste em dirigir as mãos para o objeto e adotar com as palmas e os dedos certa postura”. (Elkonin, 1998, p.208)

De acordo com Elkonin (1998), é precisamente o adulto quem cria as diferentes situações na formação primária da preensão e seu ulterior aperfeiçoamento; seja suscitando a concentração no objeto, seja colocando-o a uma distância na qual a criança começa dirigindo a mão para ele, e assim por diante.

As atividades da criança durante o primeiro ano caracterizam-se por sua independência do material, isto é, a criança faz os mesmos movimentos característicos de seu nível de desenvolvimento, independente da natureza do material de que se ocupa. Durante um período, a criança sacode todo objeto, três semanas mais tarde, bate os objetos uns contra os outros ou os atira fora. É um período em que a criança exerce as funções que se desenvolvem, qualquer que seja o material que manipula. O importante aqui não é nem o material usado, nem o resultado da atividade, mas sim, o treinamento da função como tal (a prática da função) (Chateau, 1987, p. 16).

Parece que, neste período inicial, a atividade lúdica se caracteriza muito mais como um jogo de exercícios como sugere Piaget (1975), do que como algo “vazio”, e sem sentido algum. Cumpre observar, no entanto, que este “processo introdutório” relativo aos sucessivos momentos de exercitação, deve estar em conformidade com o constante processo de estimulação de uma outra pessoa, tendo em vista que, durante esta etapa (primeiro ano de vida), é fácil percebermos o que a criança pode executar, quais os movimentos lhes são disponíveis (a partir de seu aparato biológico). Importa sublinhar, entretanto, que, em decorrência de seu desenvolvimento, o processo do jogo vai adquirindo grande variabilidade e imprevisibilidade.

Há, portanto, no jogo funcional, algo de fixo e de estereotipado: pode-se também facilmente predizer a época em que aparecerá na criança normal o jogo que consiste em sacudir, ou que consiste em bater. Mas a estrutura humana comporta funções muito mais amplas (Chateau, 1987, p. 17).

Com base nesta posição, poder-se-ia supor o quanto a atividade lúdica infantil depende muito e amplamente de uma personalidade flexível que tende a se estabelecer de inúmeras maneiras através de ações diferenciadas no decorrer do jogo. Em outras palavras, isto quer dizer que, tendo a criança se “reconhecido” nesta relação com o objeto, experimentará, no decorrer de sua ação com ele, inúmeras maneiras de utilizá-lo, determinando-lhe as funções que deseja, ou que lhe são necessárias no momento.

No período correspondente aos dois primeiros anos de vida, é possível perceber que, após o estabelecimento do ato de preensão, a evolução dos movimentos passa para outra fase.

Os argumentos de Denísova & Figurin (1929, citados por Elkonin 1998) destacam o desenvolvimento de diversos movimentos reiterativos nesta fase. Esses movimentos começam com as palmadas no objeto. À medida que a criança faz novos movimentos com os objetos, os movimentos reiterativos tornam-se cada vez mais variados.

A criança não se limita, por exemplo, a dar palmadas no objeto, mas agita-o, passa-o de uma mão para a outra, fá-lo oscilar repetidamente quando está pendurado acima dele, golpeia um objeto com um outro etc. (Elkonin, 1998, p. 210).

Importa sublinhar que o surgimento destes diversos movimentos reiterativos torna-se significativo no estabelecimento de uma conexão de movimentos em ordem consecutiva, sob o controle dos órgãos da percepção. E é o desenvolvimento desta habilidade perceptiva que permitirá a cada criança uma contemplação ativa do objeto. É este trabalho de “contemplação”, e posteriormente de exame do objeto, que contribuirá para as primeiras suposições sobre as propriedades do objeto e sobre as possíveis manipulações com ele. Deve-se entender, no entanto, que estas “suposições iniciais”, estão vinculadas à idéia de planejamento e imaginação.

Denísova e Figurin (1929, citados por Elkonin, 1998) pesquisaram especialmente a influência do novo para estimular as ações na criança com os objetos. Ofereceram

simultaneamente à criança um objeto velho que já foi manipulado antes, e outro objeto que ainda não fora visto, e descobriram que a criança concentra-se principalmente no objeto novo e o agarra, enquanto só olha para o velho e não o toca. Estes autores indicam que o típico da criança é o seu interesse pelo novo, o que pode ser constatado a partir do quinto mês de vida.

Elkonin (1998) caracteriza as ações reiterativas e concatenadas da criança durante o primeiro ano de vida, da seguinte maneira:

- a) As manipulações do primeiro ano aparecem quando se dão todas as premissas necessárias, e são as faculdades de concentrar-se, examinar, apalpar, ouvir etc., que se manifestam a partir dos seis meses, assim como os movimentos coordenados cuja regulação obedece à vista.
- b) Devido à formação do ato de agarrar, a atividade orientadora e exploradora da criança adquire uma forma nova. A orientação para o novo, que evolui no transcurso do segundo semestre, já é uma forma comportamental e não uma simples reação.
- c) O novo não só estimula a atividade da criança a respeito do objeto mas também lhe proporciona apoio. As ações da criança de um ano são estimuladas pela novidade dos objetos e sustentadas pelas novas qualidades dos objetos que vão sendo descobertas durante a sua manipulação. O esgotamento das possibilidades de novidade implica a cessação das ações com o objeto.

O desenvolvimento dessas manipulações infantis distinguirá o modo como a criança, ao atuar com o objeto, o faz diferentemente de qualquer animal jovem. Principalmente porque, com a criança, estará acontecendo um processo onde, em função do objeto e/ou brinquedo que lhe é apresentado, isto sempre acontece por intermédio de um adulto. E, nestes brinquedos, encontram-se programadas as operações sensório-motoras que devem formar-se nas crianças, bem como os elementos de novidade que freqüentemente as atraem.

Tanto Piaget (1975) quanto Elkonin (1998) consideram a fase de manipulações, como um processo de exercitação. Para Piaget (1975), estas movimentações consistem em um movimento pelo movimento, em manipulações baseadas no prazer de manipular, e cuja característica principal é sua instabilidade, caracterizando-os, portanto, em jogos sensório-moto-res. Elkonin (1998) denomina as manipulações primárias com os objetos, de exercícios elementares para operar com as coisas, nas quais o caráter das operações é dado pela construção especial do objeto. Considera ainda que, durante essa manipulação, exercita-se uma série de processos essenciais para o desenvolvimento ulterior, sobretudo das coordenações sensório-motoras.

Ao se pensar numa criança que esteja suficientemente apta a operar com os objetos, em função de ter atingido um nível de desenvolvimento sensório-motor, que lhe permita atuar com este objeto, surge uma indagação: *De que modo se desenvolvem as ações com estes objetos?*

Para atuar com os objetos, estes, necessariamente precisariam estar ao alcance dessa criança, ou seja, estarem acessíveis para o exame e a exploração numa conduta interativa. E, ao agir com este objeto, a criança estará expressando modos sociais de utilizá-lo. Como explicar o fato de a criança demonstrar que sabe atuar com o objeto? Ou que, pelo menos, ela age com ele, de uma maneira muito próxima ao que se agregou ao longo da história a determinados objetos.

Para Elkonin (1998), o desenvolvimento das ações com os objetos é o processo de sua aprendizagem sob a direção imediata dos adultos. Isto porque, nos objetos, não se indicam diretamente os modos de emprego, os quais não podem descobrir-se por si só à criança durante a simples manipulação.

Durante a formação das ações com os objetos, a criança aprende primeiro o esquema geral de manipulação destes com a sua designação social, e só depois se ajustam as operações soltas à forma física do objeto e às condições de execução das mesmas (Elkonin, 1998, p. 220).

Fradkina (1946, citado por Elkonin 1998) realizou pesquisas sobre o desenvolvimento das ações com objetos com crianças de 1 a 3 anos. Segundo ele, no começo da infância, as ações da criança com os objetos formam-se num trabalho comum com os adultos que cuidam dela. Neste caso, a princípio, a criança só atua por sua conta com os objetos usados na

atividade conjunta com o adulto, e só da maneira como foram utilizados antes. Sucessivamente, vão-se ampliando as ações assimiladas na atividade conjunta com os adultos, abrangendo uma série de objetos diferentes. Este processo de “transferência” se amplia mais e mais.

Surge uma série de ações com os objetos que são reflexo de aspectos soltos da vida das crianças e dos adultos que a rodeiam. Destaca-se também um modo novo de assimilar a ação, com uma assimilação mediante a observação das ações dos adultos.

Durante a evolução das ações com objetos, observam-se dois tipos de transferências. Em alguns casos, transferência da ação com o objeto, aprendida numas condições para outras condições. Por exemplo, a criança aprendeu a pentear com um pente de verdade a própria cabeça, e passa em seguida a pentear a boneca, o cavalo de papelão, o urso de pelúcia... Em outros casos, faz-se o mesmo, mas com um objeto substitutivo, por exemplo, pentear, não com um pente, mas com uma régua de madeira, a boneca, o cavalinho, o pentear-se a si mesma (Elkonin, 1998, p. 224).

No primeiro tipo de transferência, as ações são generalizadas; no segundo, separa-se o objeto do esquema de atuação. Importa sublinhar que a criança que consegue executar mentalmente este processo de transferência está demonstrando indícios da representação mental de objetos.

MÉTODO

Participantes:

Participaram desta pesquisa, duas crianças de idades cronológicas diferentes (12 meses e 22 meses), filhas de pais com nível universitário.

Material:

Os materiais selecionados foram três brinquedos não familiares para as crianças, com cores, formas e tamanhos diferentes.

Foram utilizados os seguintes brinquedos:

- 1 - cubo colorido (cubo mágico);
- 2 - patinho de plástico amarelo com rodinhas pretas;
- 3 - pandeiro de plástico de corpo branco com desenhos multicoloridos na superfície, e chocalhos nas cores: roxo, amarelo, verde e vermelho.

Procedimentos:

a) *Situação e Técnica de Observação*: os sujeitos foram observados em seu ambiente familiar, mais especificamente, em um local destituído de muitas estimulações diferenciadas. A técnica utilizada para a obtenção de dados foi a filmagem em videoteipe (VT). O processo de filmagem iniciava-se após a mãe (de cada criança) dispor, no ambiente previamente estabelecido pelos experimentadores, os três brinquedos designados. As mães foram orientadas a manter uma expressão facial neutra, para evitar o desencadeamento de estímulos diferenciados; ou seja: estas não deveriam tomar qualquer iniciativa durante a brincadeira.

Foram observadas as reações motoras, como os movimentos executados com os brinquedos, a alternância na movimentação dos brinquedos e as vocalizações emitidas pelas crianças, diante dos estímulos apresentados.

b) *Sessões Experimentais*: As sessões experimentais ocorreram separadamente para ambas as crianças e em dois momentos distintos, tendo cada sessão 3 minutos de duração. Na sessão, foram apresentados três brinquedos simultaneamente à criança, o modo de apresentação refere-se ao fato de que estes brinquedos foram colocados no chão à disposição da criança. Foi utilizado o mesmo critério para a apresentação dos brinquedos em ambos os casos, e as sessões foram filmadas tendo como foco principal as reações emitidas por cada criança diante dos estímulos (brinquedos novos).

A partir dos dados coletados através do VT, os experimentadores estabeleceram 8 categorias comportamentais relativas às reações expressas pelas crianças diante dos

brinquedos. Dentro disso, foi feito um levantamento do número de ocorrências relativas a cada categoria comportamental definida. Estas categorias foram definidas como:

• **Atividades Motoras com os brinquedos**

Trocas: Passar da manipulação de um brinquedo para a manipulação de outro, soltando o primeiro no chão.

Firmar ou agarrar: Firmar dois brinquedos ao mesmo tempo, segurando ambos nas mãos.

Agitar: Com o brinquedo em uma das mãos, agitá-lo para cima e para baixo, para a direita ou para a esquerda.

Percutir o brinquedo: Com o brinquedo em uma das mãos, percutir a superfície do mesmo, com a mão livre.

Empurrar: Com o brinquedo apoiado no chão, empurrá-lo para a frente e para trás, para o lado direito ou para o lado esquerdo.

• **Vocalizações**

Barulho de brincadeira: Ruídos emitidos durante o brincar, expressões repetidas ou estereotipadas, emissão de vocábulos.

Canto: Qualquer manifestação oral ou de natureza rítmica (dois segundos ou mais), prolongada ou musical.

• **Interações Sociais Específicas**

Oferecer brinquedo: Com um brinquedo em uma das mãos, movimentar-se em direção à mãe e fazer gesto de apresentação deste para ela.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados colhidos foram tratados em termos de três grupos de categorias de respostas: *Atividades Motoras com os Brinquedos*, *Vocalizações* e *Interações Sociais Específicas*.

Inicialmente, realizou-se um levantamento do número de comportamentos apresentados pelas crianças em cada uma das categorias. Em seguida, foram comparadas as respostas registradas por cada um dos observadores, e, a partir daí, verificou-se o índice de concordância obtido. Para efeito de discriminação entre as duas crianças, utilizaram-se as designações “J” (para a criança de 12 meses) e “B” (para a criança de 22 meses).

No quadro (1), são apresentados os dados quantitativos referentes à sessão experimental.

Quadro 1 – Apresentação de resultados

Índice de concordância: 86,5%

COMPORTAMENTOS APRESENTADOS	N.º DE OCORRÊNCIAS Observador – 1		N.º DE OCORRÊNCIAS Observador – 2		Concord.		Discord.	
	B	J	B	J	B	J	B	J
Atividades Motoras com os Brinquedos								
a) Trocas	9	7	11	9	9	7	2	2
b) Firmar ou agarrar	3	7	3	7	3	7	--	--
c) Agitar os brinquedos	3	7	3	6	3	6	--	1
d) Percutir o brinquedo	5	1	6	1	5	1	1	--
e) Empurrar o brinquedo	4	1	4	1	4	1	1	--

Vocalizações								
a) Barulho de brincadeira	4	36	6	31	4	31	2	5
b) Canto	2	--	2	--	2	1	--	--
Interações Sociais Específicas								
Oferecer brinquedo	--	5	--	6	1	5	--	1

Como o principal objetivo do estudo era descrever e identificar o comportamento exploratório frente ao brinquedo, os resultados demonstraram uma variação nos movimentos executados com estes.

O primeiro movimento com o brinquedo foi denominado de *trocas*. Com relação a este aspecto, observou-se uma freqüência na troca de brinquedos em ambas as crianças, tendo sido identificadas 7 trocas na criança “J”, e 9 trocas na criança “B”. Ainda com relação a este aspecto, foi possível observar também alternâncias no número de trocas dos brinquedos. Tendo sido observado um maior número de trocas na criança “B”, em relação à criança “J”. Estas trocas ocorreram em média a cada 20 segundos na criança “B”, e 25,7 segundos na criança “J”. O comportamento de troca de brinquedos parece comprovar pesquisas de autores como Hutt (1966), Bomtempo (1986), Denísova e Figurin (1929, citados por Elkonin 1998), sobre a influência do novo para estimular as ações das crianças com os objetos. A presença das freqüentes trocas de brinquedos pode ser entendida em função de serem objetos novos, que possivelmente tendem a atrair a atenção das crianças. Segundo Elkonin (1998), neste processo de troca, a criança dispõe da oportunidade de examinar o objeto. O exame do objeto relacionado com a manipulação baseia-se precisamente em que a criança coloca o objeto em novas posições e permanece atenta até que se esgotem todas as possibilidades de novidade com ele. Em outras palavras, isto quer dizer que a criança precisará de um período de tempo para familiarizar-se com o objeto. Para que isto ocorra, atuará com ele através de sucessivas manipulações que irão se diferenciando no decorrer do tempo de atuação com o objeto.

O segundo movimento identificado foi categorizado como *firmar* ou *agarrar* nas mãos mais de um brinquedo ao mesmo tempo. Este tipo de ação com o brinquedo destacou-se mais na criança “J”, do que na criança “B”. A literatura consultada não faz referência a comportamentos desta natureza. É possível supor que tal comportamento tenha a ver com a diferença de propriedades existente nos brinquedos, tanto em relação ao grau de novidade, como de tamanho, cor e forma. Tendo em vista que, inicialmente a criança “J”, manipulava o cubo mágico em uma das mãos e o pandeiro em outra. Em seguida, abandonava o pandeiro e apanhava o patinho, permanecendo sempre com dois objetos, cada um em uma das mãos. Estas constantes trocas entre os brinquedos mantiveram-se durante todo o curso do experimento. Considerou-se, no entanto, que o período designado à realização do presente estudo (3 minutos) não tenha sido suficiente para a realização de uma análise mais detalhada da categoria comportamental destacada.

O terceiro movimento identificado foi categorizado como *agitar*. Com base nos resultados, constatou-se uma maior freqüência nos movimentos desta natureza na criança que está no primeiro ano de vida, “J”, com uma média de 6 movimentos, em relação à criança do segundo ano de vida, “B”, com uma média de 3 movimentos.

Para Chateau (1987), estes movimentos, de início, referem-se simplesmente à busca de um resultado interessante. Deste modo, a criança que, por acaso, provocou um resultado novo, como o de fazer soar um chocalho, por exemplo, repetirá este gesto várias vezes, em função do próprio resultado.

Esta forma de movimentação com os objetos parece servir de apoio às colocações de Elkonin (1998), quanto ao surgimento dos movimentos reiterativos. Segundo este autor, o desenvolvimento dos movimentos reiterativos começa com as palmadas no objeto. A partir do momento em que a criança faz novos movimentos com os objetos, os movimentos reiterativos tendem a se tornar mais variados. Neste caso, a criança não se limita a dar palmadas no objeto, mas agita-o, passa-o de uma mão para a outra, golpeia um objeto com outro etc.

O quarto movimento observado foi categorizado como *percutir o brinquedo*. Os resultados demonstraram um maior número na emissão deste comportamento na criança “B”, com uma média de 5 emissões em relação à criança “J”, que apresentou este comportamento apenas uma vez.

De acordo com Chateau (1987), comportamentos como os descritos acima, podem estar relacionados a um momento em que a novidade interessa por si mesma, pelo inusitado. A partir de então, a criança procurará provocar o novo, variando mais ou menos seus gestos, ela terá chegado a uma espécie de experimentação das possibilidades que lhe oferecem os lados direito e esquerdo de seu corpo. Com base no exposto, acerca do movimento de percutir o brinquedo, é possível supor que a criança “B” esteja experienciando uma fase, onde o prazer pela manipulação em si e as sucessivas tentativas de atuar ou de encontrar situações novas parecem ceder lugar à própria atividade que esteja desenvolvendo.

Para Chateau (1987), o que agrada muito mais à criança, nesta fase, é o fato de saber que ela produziu um resultado, do que o próprio resultado em si. Talvez isto explique a pequena frequência deste tipo de comportamento (golpear um objeto com outro), na criança mais nova. Seria interessante a realização de pesquisas que pudessem identificar melhor este aspecto.

O quinto movimento foi categorizado como *empurrar o brinquedo*. Com base nos resultados, é possível observar uma maior atuação por parte da criança mais velha, numa proporção de 4 por 1 em relação à criança mais nova. Este dado desperta a atenção, devido ao fato de que a ação exercida pela criança “B” demonstra indícios de um conhecimento anterior sobre o uso de um brinquedo com rodas. Com relação a “J”, foi observado que a única movimentação exercida, ocorreu, coincidentemente com o mesmo brinquedo utilizado pela criança “B”, entretanto, o movimento executado por “J”, foi de menor amplitude em relação a “B”. Sobre este aspecto, é possível fazer uma comparação entre as duas crianças. Os movimentos executados por “B” parecem demonstrar a aquisição de uma aprendizagem que sugere o reconhecimento do modo de emprego dos objetos, tendo em vista as interações que manteve com os brinquedos, e que demonstraram um conhecimento anterior sobre as funções destes objetos. Com relação a “J”, provavelmente as sucessivas manipulações com o brinquedo tenham levado-a a descobrir uma função do objeto, ao acaso. Estas ações com o brinquedo vem de encontro às descrições de Elkonin (1998), ao enfatizar que as ações da criança de um ano são estimuladas pela novidade dos objetos e sustentadas pelas novas qualidades dos objetos que vão sendo descobertas durante a sua manipulação.

No que se refere à identificação de comportamentos exploratórios frente ao brinquedo, foram observadas vocalizações durante o período de interação com os mesmos. Estas *vocalizações* foram divididas em dois tipos: o primeiro deles, na forma de *ruídos, estalidos de língua, e emissão de vocábulos*, e o segundo, na forma de *canto*. Com relação ao primeiro, ambas as crianças apresentaram algum tipo de barulho durante a interação com os brinquedos, no entanto, este tipo de conduta foi notadamente mais acentuada em “J”, quando se constatou uma proporção de 30 barulhos no decorrer da sessão experimental em relação a 5 barulhos emitidos por “B”. Não foram encontradas na literatura consultada, informações e/ou dados que analisassem a emissão de barulhos durante a interação com os brinquedos, na faixa etária das crianças alvo do presente estudo.

Com relação ao segundo tipo de vocalização, *o canto*, este foi categorizado como qualquer manifestação oral ou de natureza rítmica, prolongada ou musical. Este tipo de comportamento foi apresentado apenas pela criança “B”, quando se constatou que a mesma, ao apanhar o pandeiro, batia a face deste e, concomitantemente, “cantarolava”. Importa sublinhar que esta ação de “B” demonstra avanço em seu processo de manipulação com o brinquedo quando passa a operar com o objeto de acordo com a significação social a ele atribuída. Ao comparar-se os comportamentos das duas crianças com o mesmo brinquedo, pandeiro, é possível perceber que a criança “B” demonstra uma aprendizagem sobre o modo de operar este brinquedo, enquanto “J”, ao pegar o pandeiro, apenas agita-o em suas mãos. Quanto a este aspecto, Elkonin (1998) argumenta que nos objetos não se indicam diretamente os modos de emprego, os quais não podem descobrir-se por si só à criança durante a simples manipulação, sem a ajuda nem a direção dos adultos, sem um modelo de ação. O desenvolvimento das ações com os objetos é o processo de sua aprendizagem sob a direção imediata dos adultos.

Uma outra categoria comportamental identificada refere-se a *oferecer brinquedo* para a mãe. Os resultados demonstraram que esta conduta esteve presente apenas na criança “J”, tendo esta movimentado-se por 5 vezes em direção à sua mãe, enquanto “B” não demonstrou este comportamento. É possível supor que a ausência de comportamentos referentes à categoria descrita pela criança “B”, esteja relacionada ao fato de esta (no decorrer da sessão experimental), ter permanecido sentada durante todo o período, interagindo constantemente com os brinquedos, enquanto que a criança “J” permaneceu de pé durante todo o período da sessão, movimentando-se pelo espaço da sala onde se encontravam os brinquedos. Provavelmente, esta mobilidade por parte de “J” fez que a mesma se deparasse com a presença da mãe em alguns momentos, fato que pode ter despertado o interesse da criança em interagir com a mãe através do brinquedo.

De acordo com Elkonin (1998), quando a criança vai cumprir o primeiro ano de vida, a comunicação emocional direta da criança com os adultos é substituída por uma forma especial, de nova qualidade, que se desenvolve na atividade conjunta com os adultos mediante as manipulações com os objetos. Por um outro lado, a criança aspira também a ter contatos pessoais diretos com os adultos e reclama a sua atenção e aprovação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo configurou-se de um caráter essencialmente exploratório. Esta característica, no entanto, oportunizou a constatação de determinados aspectos relacionados à criança e ao brinquedo já referendados em pesquisas anteriores. Os resultados obtidos demonstram a confirmação de determinados comportamentos emitidos por crianças em interação com o brinquedo, e ainda as diferentes formas de interação com este.

Acredita-se que este trabalho, mesmo não tendo a intenção de completude, tenha contribuído para um sedutor exercício reflexivo, no sentido de como conceber esta inter-relação da criança com o brinquedo. Por outro lado, evidencia também o quanto a atividade lúdica é uma atividade aprendida através da mediação, ou seja, através das inter-relações entre pessoas (sejam elas adultos ou crianças).

Cabe ressaltar que, devido à própria limitação da amostra e tempo dispensados a este estudo, seria interessante o desenvolvimento de outras pesquisas que pudessem aprofundar mais o desenrolar do processo interativo entre o bebê e o brinquedo. Tendo em vista a própria evolução pela qual o objeto (brinquedo) tem passado no decorrer dos anos, somada às variações no modo de interação do adulto com o bebê, muito provavelmente, seriam obtidos dados significativos referentes, por exemplo, ao tempo de resposta emitido ante um estímulo diferente, até o desenvolvimento de processos de aprendizagem infantil, a partir das ações com os objetos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bomtempo, E. (Org.). (1986). *Psicologia do Brinquedo: aspectos teóricos e metodológicos*. São Paulo: Nova Stella/Editora da Universidade de São Paulo.
- Bühler, K. (1962). *El desarrollo psicológico del niño*. Buenos Aires: Losada.
- Chateau, J. (1987). *O jogo e a criança*. São Paulo: Summus.
- Denísova, M. P. & Figurin, N. L. (1929). *Estudo experimental da reação ao novo na criança menor de um ano*. Problemas da reflexologia genética e do estudo da infância. Moscou/ Leningrado.
- Elkonin, D. B. (1998). *Psicologia do Jogo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Fradkina, F. I. (1946). *Psicologia do jogo em crianças de tenra idade. Raízes genéticas do jogo protagonizado*. Tese de Doutorado, Leningrado.
- Figurin, N. L. & Denísova, M. P. (1929). *Etapas do desenvolvimento da conduta da criança desde seu nascimento até um ano de idade*. Em *Problemas da reflexologia genética e do estudo científico da criança de pouca idade*. Moscou/Leningrado.
- Florey, L. (1971). An approach to play development. *American Journal of Occupational Therapy*, 25 (6): 275-280.
- Hutt, C. (1966). *Exploration and play in children*. Em R. E. Heron & B. Sutton-Smith (Eds), *Play*. Middlesex, England: Penguin Books.
- Kishimoto, T. M. (1994). *O Jogo e a educação infantil*. São Paulo: Pioneira.
- McCall, R. (1974). Exploratory manipulation and play in the human infant. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 39 (2): 15-33.

Piaget, J. & Inhelder, B. (1985). *A psicologia da criança*. São Paulo: Difel.

Piaget, J. (1975). *A função do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar.

Sarazanas, R. & Bandet, J. (1973). *A criança e os brinquedos*. Lisboa: Guide.

(Recebido em 29.05.2001; 1ª revisão: 01.09.2001; 2ª revisão: 03.12.2001; aceito em 11.12.2001)